



A VELHICE DIANTE DO ESPELHO: REFLEXOS DO IMPERIO DO NOVO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM IDOSOS

Giulliany Gonçalves Feitosa; Karynna Magalhães Barros da Nóbrega

Universidade Federal de Campina Grande

giullianyg@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As primeiras duas décadas do XXI estão sendo visto pela psicanálise como Império das Imagens (1). Do latim, a palavra império denota ordem, mandamento, soberania, poder, o fato de implantar, impor, condenar, proferir, impregnar, impugnar, imputar. Na cultura ocidental há uma demanda de se estar sempre jovem, sarado e belo, além de pregar as constantes trocas de objetos, em busca do novo a todo momento. Esse excesso atinge as pessoas diretamente em suas perspectivas de si mesmas e no processo de tentar atender a essas demandas da cultura.

Para Mucida (2), a lógica do mercado, que valoriza a juventude e a beleza faz o idoso se deparar com inúmeras formas de desamparo. Toda a pregação imagética atinge os que envelheceram (e que estão envelhecendo) de forma direta, já que a própria ideia de velho é tomara como algo passível de exclusão, “descartável”. A partir de então, os idosos têm que se haver com as questões e sintomas que surgem advindos da sua vivência no mundo, onde reinam as imagens discrepantes com as suas.

Qual o lugar do idoso na cultura ocidental? Como ele se posiciona diante da realidade de pregação imagética em que vivemos? Percebemos que, na contemporaneidade, a mídia e o discurso da ciência desvalorizam o idoso, visto que a imagem é signo da exclusão e da decrepitude. Esse trabalho pretende reunir algumas obras de cunho psicanalítico a fim de problematizar a clínica com o idoso diante do atual império das

imagens em que estamos inseridos, problematizando como trabalhar as questões da velhice no contexto da clínica psicanalítica.

METODOLOGIA

Utilizamos a Revisão Sistemática, a fim de analisar a bibliografia publicada sobre o tema da clínica com o idoso na contemporaneidade. Com este propósito foi efetuada um levantamento das publicações na área da psicologia clínica e psicanálise, consultando as bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde, CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), utilizando-se os descritores “psicologia clínica” e “clínica com idoso”, além da bibliografia publicada na área. Os dados foram refinados a partir de critérios de aproximação com a temática da clínica psicanalítica com o idoso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a Revolução Industrial, com a divisão do trabalho afetando diretamente a estrutura de funções da família, o velho passou a ser visto como “inútil”, termo este que, com o tempo, foi associado a vários outros termos pejorativos na tentativa de desqualificar o sujeito idoso. No imaginário cultural, o velho é um sujeito em suspensão, sem projetos, que não tem mais papel social, estando à margem da sociedade. Com isso, há uma falta de investimento e reconhecimento social e um conseqüente empobrecimento da vida afetiva, gerando depressão e demência (3).

Diante de questões como o abandono familiar, a morte de parentes e amigos e a imagem refletida no espelho, o sujeito idoso tende a ficar às voltas com suas dores psíquicas, o que o leva à angústia e até ao suicídio, causa mor da morte de idosos em muitos países (4). A família tem um importante papel nas significações que o velho dá para suas questões, porém tal como afirma Elizabeth Roudinesco (5), as duas últimas gerações fizeram uma total desordem na família, invertendo papéis e mudando valores. Desse modo, o idoso estaria na primeira, de uma terceira geração de descendentes, emergindo com menor valor no núcleo familiar (6).

Para Susan Guggenheim (6)

“A nossa sociedade supervaloriza a juventude. Associa sucesso, felicidade, beleza ao jovem. Os velhos ficam sendo o contrário disto. Eles não estão no mercado competitivo do trabalho, têm rugas, corpo flácidos, não dominam as novas tecnologias e, portanto, podem ser descartadas ou rejeitadas, abandonadas.” (pág. 3)

Na cultura, o tabu da velhice se inscreve no corpo. Eric Laurent (7) afirma que “transformamos o corpo num novo Deus”, hoje, o que importa é o corpo; a realidade depende do contato carnal com o mundo físico. A relação presente entre corpo e tempo possibilita inúmeras velhices, variadas de acordo com o tempo e espaço em que se vive. Diante da demanda do novo e às voltas com a questão da morte, o significante “velho/velhice” tem que ser trabalhado e simbolizado pelo sujeito.

Nessa dificuldade de reconhecimento da imagem no espelho, Délia Catulo Goldfarb (3) afirma que as pessoas, entre 50/60 anos, passam pela fase de “espelho negativo”, onde se dá o não-reconhecimento do envelhecimento do corpo, olha-se no espelho e diz “esse não sou eu”. O espelho é esse outro, o pequeno outro. Segundo Ângela Mucida (2), o real da castração é imposto ao sujeito de forma brusca, já que a perda da imagem corporal leva o sujeito às faces de um espelho quebrado, pois se na infância a imagem de si mesmo é vista como totalizante, na velhice essa imagem é fragmentada, despedaçada.

A partir do mecanismo de “espelho negativo”, o reconhecimento se dá sempre no outro, o velho é sempre o outro, com quem não nos reconhecemos, isso coloca a velhice como uma divisão da imagem. A posição subjetiva na velhice é sempre da negação, do envelhecimento e das mudanças corporais. Porém, em algum momento acontece a saída do familiar ao estranho, é quando o sujeito é pego de surpresa ao olhar para o espelho e perceber-se velho. O espelho é bom e mau, visível e invisível, aquilo que escapa (3).

O confronto do sujeito com o real do corpo é intensificado a partir da cultura do novo, pois os sujeitos não conseguem se haver com a imagem transmitida pelo Outro. Reis Filho & Santos (8) afirmam que “O sujeito envelhece de forma peculiar e singular, levando em consideração a imagem que o Outro lhe devolve. As imagens devolvidas pelo Outro

são tão diversificadas quanto as inúmeras possibilidades de se envelhecer”. Na tentativa de permanecer jovem ou de alcançar objetivos do imaginário, o sujeito se submete a intervenções estéticas diversas, porém a imagem que se tem de si não se modifica com tais intervenções, já que o sintoma é sempre ressignificado para outra parte. A velhice não é valorizada socialmente, não traz nenhuma promessa de novos ganhos, logo, não atender às expectativas sociais gera ódio à própria imagem e o ódio a si mesmo (9).

O ideal do eu surge aqui como a possibilidade do sujeito não se sentir perdido, destruído, enlaçando-se socialmente. Para Goldfarb (3) “o narcisismo reflete o corpo, dá consistência a imagem, e é essência do eu”. O sujeito, então, constrói um sintoma para dar conta das questões que ele coloca e que lhes são colocadas.

Para Dorli Kamkhagi (10) os idosos se deparam com cinco tópicos que lhes geram conflitos, dentro da perspectiva do mundo contemporâneo, que podem ser descritos como respostas à necessidade de

“reatualizar o esquema corporal, a imagem de corpo e o conceito de si; remanejar o esquema desejante ao evidente estreitamento de possibilidades e prazos; lidar com a evidência de que adoecimentos incapacitantes e uma agonia prolongada são possíveis e podem estar próximos; integrar a perspectiva mais concreta da proximidade da morte; adaptar-se ao progressivo isolamento real e subjetivo com relação à contemporaneidade que o cerca.” (pág. 3)

Para a autora, é fundamental que se possa problematizar o desenvolvimento de considerações pertinentes a cada uma dessas possíveis respostas encontradas na clínica, pois o sujeito em relação à sua velhice está às voltas com tais tópicos (10).

Os processos inconscientes são atemporais, tal como caracteriza Freud (11) coloca em artigo “O Inconsciente” publicado em 1915 “os processos inconscientes [...] [são] atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm qualquer referência ao tempo”. Freud problematiza que tais processos podem ser apreendidos através da comunicação, da linguagem e de suas várias configurações, nos direcionando para um tempo não cronológico, algo que não envelhece

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

nem sofre alterações com o tempo, tal como o corpo, o que é físico (10). Com isso, percebemos que o corpo envelhece, mas o desejo continua latente.

CONCLUSÃO

Pensando a prática psicanalítica na atualidade, a partir da ideia do inconsciente atemporal, chega-se à conclusão de que a clínica que se faz com pessoas idosas é a mesma clínica que se faz com pessoas que não são idosas, porém com a especificidade do o sujeito continuar a ser considerado desejante, independente da idade, para que possa ser responsabilizado pelo sintoma e modo de gozar. É papel do psicanalista se colocar como parceiro do sujeito diante das questões trazidas, possibilitando a emergência desse inconsciente, dando subsídios para que o idoso consiga elaborar suas perdas, além de identificar e implicar o sujeito na construção novas significações para a realidade em que está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Gallo, H. O império das imagens, 2015. Disponível em: <http://oimperiodasimagens.com.br/pt/faq-items/o-imperio-das-imagens-hector-gallo/>
Acesso em: 07 jul 2015
2. Mucida, A.. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
3. Goldfarb, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo, casa do psicólogo, 1998.
4. Minayo, M. C. S., Cavalcante, F. G. Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo , v. 44, n. 4, p. 750-757, Aug. 2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000400020&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 Jul. 2015
5. Roudinesco, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2003

6. Guggenheim, S. O envelhecimento e a psicanálise contemporânea. 2005. Disponível em: <http://www.freudiana.com.br/documentos/O-Envelhecimento-e-a-Psicanalise-Contemporanea.pdf> Acesso em: 15 jul 2015
7. Laurent, E. A sociedade do sintoma. In A sociedade do sintoma. A psicanálise, hoje. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007
8. Reis Filho, J. T., Santos, G. C.. O desafio da clínica psicanalítica com idosos. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 45-55, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Aug. 2015
9. Abras, R. M. G. & Sanches, N. R. A. *O idoso e a família*. Mimeo. 2004
10. Kamkhagi, D. A clínica do envelhecer (novos olhares). III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia, 2009.
11. Freud, S. As características especiais do sistema inconsciente. In: Standard. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1915